

JUVENTUDES E OCUPAÇÕES CRIATIVAS EM PEQUENAS CIDADES: PERCEPÇÕES A PARTIR DE TERRITÓRIOS URBANOS DE REDENÇÃO E ACARAPE- CE

Stefania Maria Francolino da Silva¹

Eduardo Gomes Machado²

Nathalia Alves de Oliveira³

RESUMO

O espaço urbano é dotado de significados partilhados, onde são construídos e disseminados posicionamentos, identidades e modos de vida. O fazer cidade implica em criar e recriar simbolicamente o espaço urbano, mobilizando diferentes aspectos materiais e imateriais, e impactando na forma como os espaços são utilizados e ressignificados pelos indivíduos. Uma dimensão possível de apropriação e ocupação dos espaços públicos envolve o uso criativo desses locais, que pode ser entendido como um aspecto significativo da forma de fazer e viver a cidade. A ocupação criativa dos espaços urbanos e das cidades de Redenção e Acarape realizadas pelas juventudes que compõem a UNILAB, utilizam esse aspecto criativo como vetor para instituir espaços de convivência, familiaridade, solidariedade, o que impacta a reconstituição de vínculos e identidades individuais e coletivas, e evidencia a instituição de lutas por direitos em diferentes âmbitos, revelando o protagonismo dessas juventudes enquanto indivíduos politicamente atuantes. Deste modo, fazendo por meio de práticas culturais emergir reflexões que envolvem aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, utilizando uma vasta gama de linguagens artísticas, instigando outras possibilidades interpretativas para os modos como os indivíduos vivenciam os espaços urbanos. Este texto é fruto de vivências etnográficas experienciadas durante o período de atuação enquanto bolsista do grupo Diálogos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares⁴.

Palavras chave: Ocupações criativas; Cidade; Juventudes

INTRODUÇÃO

¹ Bacharel em Humanidades; Licencianda em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

² Doutor em Sociologia; Docente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB/CE - Orientador

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB; Bacharel em Humanidades; Licenciada em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Bolsista FUNCAP – Coorientadora

⁴ Atuação enquanto bolsista dos projetos de extensão: Diálogos Urbanos: direito à cidade e assessoria acadêmica - 2019; Diálogos Urbanos, direito à cidade e fazer a cidade (5ª edição) - 2020; Diálogos Urbanos: Justiça socioespacial, direito à cidade e democracia - 2021. Atualmente atuando enquanto colaboradora externa.

Redenção e Acarape, situadas a aproximadamente 60 km de Fortaleza, capital do estado do Ceará, são pequenas cidades limítrofes, no interior do Nordeste brasileiro, integrando a Região do Maciço de Baturité, composta por treze municípios. A implantação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), uma instituição de caráter internacional e interiorizada, acarretou uma série de mudanças, alterando a dinâmica urbana dessas duas cidades em diversos aspectos e de forma significativa, impactando intensamente os modos de viver a cidade. “De modo mais específico, cabe destacar as mudanças no cotidiano urbano, considerando a convivência em espaços públicos e em espaços coletivos de uso público, envolvendo moradores originários e migrantes temporários, com destaque para as juventudes” (MACHADO *et al*, 2019, p.144-145).

Segundo Carrano (2005, p. 158) “a juventude é uma categoria sociológica *inventada* pelos adultos; entretanto, torna-se cada vez mais difícil defini-la. Quando muito, podemos elaborar provisórios mapas relacionais.” Pode também ser compreendida como a fase de experimentações, onde é permitido transitar por diferentes meios, “[...] é efetivamente o momento das tentativas sem futuro, das vocações ardentes mas mutáveis, da “busca” [...] e das aprendizagens (profissionais, militares, eróticas) incertas, sempre marcadas por uma alternância de êxitos e fracassos” (LEVI; SCHIMITT, 1996, p.11-12). Podendo ainda, ser caracterizada:

[...] ao mesmo tempo, pela heterogeneidade e pelo agrupamento, pela diversidade e pela semelhança, portanto, marcada por determinações de classe, gênero, etnia e também clivada por diferenças produzidas pelas condições educacionais e culturais, pelo local de moradia e pela relação que estabelece com outras gerações, em especial com o mundo adulto e sua entrada nele. Por isso, é importante compreender as experiências concretas nas quais a juventude se produz, articulando expectativas, o ambiente cultural, trajetórias, modos de pensar e agir com as condições materiais e concretas nas quais esses jovens estão inseridos. (MARCASSA, 2017, p. 14 *apud* D’AGOSTINI; JUNIOR; MARCASSA, 2017, p.141).

Deste modo, cabe pensar em “juventudes”, no plural, em uma tentativa de captar ao máximo, as subjetividades que perpassam esta categoria, considerando sua pluralidade e atravessamentos.

O termo “juventudes” – no plural- é a chamada sobre a importância de refletir sobre o/a jovem enquanto parte de uma geração e período histórico, bem como referências a micropolíticas, destacando a ecologia social do território próximo. Ganha, portanto, propriedade discutir a relação juventude-juventudes, o que alerta para a importância de considerar ambiências sociais e sistemas de classe, raça, gênero e territorialidade, entre outros. São marcações sociais que identificam jovens quanto a necessidades, imaginários e tipos de vivências. (ABRAMOVAY; CASTRO, 2015, p.19 *apud* SANTOS; OLIVEIRA, 2021, p. 6)

É nesse sentido de pluralidade que a UNILAB está inserida, composta por juventudes múltiplas; diversa em termos raciais, de gêneros, etnias, crenças; agrega jovens oriundos de

diferentes regiões do Brasil, de países que compõem a CPLP⁵, de contextos distintos, evidenciando uma pluralidade cultural densa, “pautada por mecanismos de reprodução” envolvendo diversas clivagens (PAIS, 1990).

Essa perspectiva permite enfatizar as desigualdades, contradições e opressões inscritas nessa fase de transição e aos quais os agentes juvenis se vinculam de modos diversos, considerando que cada jovem experimenta condições socioeconômicas e culturais específicas. (MACHADO *et al*, 2019, p. 145-146).

Essas características norteiam os modos como cada indivíduo vivencia a cidade e recria dinâmicas e espaços de socialização e partilha. Espaços esses que, nas cidades, por vezes não existem, lhes são inacessíveis ou bloqueados. Cabe ressaltar, que nesses municípios são poucas as possibilidades de espaços destinados a cultura e lazer, portanto, a rua, a praça, principalmente de Redenção, acabam adquirindo essa função e se tornando palco onde são expressas potencialidades criativas tecidas no cotidiano e que articulam aspectos sociais, culturais, estéticos e políticos, resultante de experiências partilhadas e constituídas individual e coletivamente.

Nos últimos anos, tem sido comum presenciar a circulação, a ocupação e o uso da praça envolvendo variados moradores, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, de várias nacionalidades, brincando, conversando, namorando, passando o tempo. Dentre os eventos que a praça abriga, cabe citar, por exemplo, eventos religiosos de médio e grande porte e treinamentos de artes marciais. Aos poucos, e, pelo menos, desde 2015, o local vem sendo ocupado e usado por segmentos da universidade, e particularmente as juventudes, agregando rodas de conversa, saraus de poesia, apresentações de grupos musicais variados, inclusive com performances interseccionando várias linguagens artísticas. (MACHADO *et al*, 2019, p. 153)

As disputas pelo uso, acesso e ocupação dos espaços públicos, sobretudo à praça, acabam se agravando e gerando tensões e conflitos entre moradores originários e estudantes da UNILAB. Contestando a legitimidade, principalmente de atividades e eventos que ocorrem sob o signo da ocupação criativa.

Contudo, a ocupação dos espaços urbanos pelas juventudes, e particularmente estudantes da UNILAB, continua a ocorrer, e de forma cada vez mais intensa, pois é algo inerente a esses novos habitantes temporários. Cabe destacar que embora haja um grande contingente de discentes, as ocupações também agregam eventualmente, docentes da universidade, assim como moradores originários dessas cidades e cidades vizinhas. Esses indivíduos efetivam, então, dinâmicas de ocupação, acesso e uso dos espaços públicos. Em vários momentos, (re)constituindo o modo de experienciar esses espaços, efetivando processos

⁵ Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste

de reterritorialização, o que para Raffestin (1984) entrelaça a (re)composição do território e a reconstituição das interações e relações entre diferentes agentes, envolvendo particularmente essas juventudes em movimento. E, inclusive, ressignificando o caráter de público, quando ocupam espaços a priori privados, ou coletivos de uso comum, sobretudo na cidade de Redenção. Dito isto, pode-se então considerar “[...] a possível emergência do político e do público e, mais especificamente, a instituição de arenas públicas, nas cidades, considerando situações e episódios experienciados como “situações problemáticas” pelas juventudes universitárias” (CEFAÏ, 2017b; PALLAMIN, 2010 *apud* MACHADO *et al*, 2019, p. 146)

[...] o público, mais do que ser determinado por estruturas de mercado ou de campo, redefine o horizonte dos possíveis e organiza a experiência de suas tomadas de posição, a avaliação das imposições e das oportunidades que pesam sobre sua ação. (CEFAÏ, 2017b, p. 132)

Cabe ressaltar como esses modos foram sendo construídos e reconstruídos por esses indivíduos, de forma espontânea, intuitiva, para atender suas próprias necessidades de convivência, lazer, festa, arte e cultura. Essa dinâmica urbana vem sendo abordada teórica e empiricamente pelo grupo Diálogos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares, entrelaçando projetos de extensão e pesquisa.⁶Essas pesquisas foram subsídio para o desenvolvimento desse trabalho.

JUVENTUDES, EXPRESSÕES CRIATIVAS E SITUAÇÕES CONFLITUOSAS

A reivindicação pelo direito à cidade perpassa sentidos que remetem ao fazer a cidade, consistindo este em criar e recriar os espaços urbanos, em termos materiais e imateriais, podendo “ser entendido como um processo sem fim, contínuo e sem finalidade. Ele faz sentido no contexto de uma expansão contínua dos universos sociais e urbanos” (AGIER, 2015, p.49). A cidade passa então, a ser entendida como espaço de apropriação socialmente constituído, onde são construídos e disseminados posicionamentos, identidades e modos de vida.

A cidade é o lugar onde o homem pode desenvolver melhor as suas faculdades intelectuais, dada à coexistência plural de grupos sociais; sendo assim, um lugar onde se pode exercitar de forma ampliada a escolha de um modo de vida mais diverso e, conseqüentemente, a liberdade (BRAGA; CARVALHO, p.1).

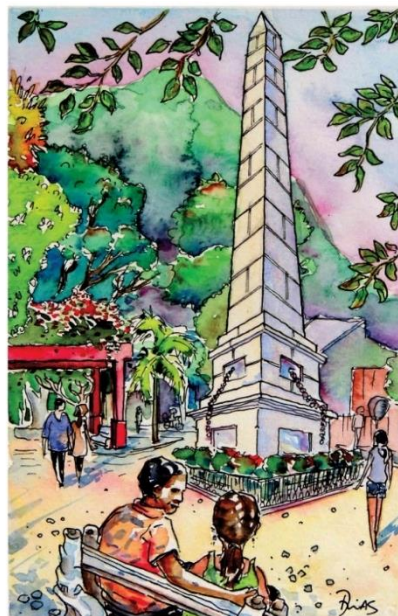
⁶ Projeto de extensão “Diálogos Urbanos, direito à cidade e fazer a cidade (5ª edição)” e Projeto de pesquisa “Estudantes, direitos e territórios urbanos no Maciço de Baturité: uma experiência de territorialização e democratização na assistência estudantil da UNILAB”. Cabe registrar agradecimentos pelo apoio da Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX) e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG) da UNILAB, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

Aos poucos, vão surgindo novas formas de ocupar os espaços públicos da cidade, de acordo com as necessidades dos indivíduos, grupos e territórios. O uso criativo dos espaços públicos apresenta uma possibilidade de ocupação e apropriação do urbano de forma significativa, entendendo que “a criatividade compreende a qualidade de pensar de forma inovadora numa produção ativa de reflexão, sentimento e ação com a finalidade de transformar e fazer surgir o novo como resposta às atividades mentais [...]” (CAVALCANTI, 2006, p. 90). Capaz, assim, de dotar de novos sentidos as interações cotidianas.

A experiência é uma *prova estética*: os sentidos afetivos (*pathos*) e estéticos (*aisthesis*) são aquilo que, aquém dos raciocínios e julgamentos, nos dão acesso ao mundo. São as articulações da experiência que fazem com que estejamos sob a influência das situações que têm uma influência sobre nós: estamos abertos a ambiências ou a atmosferas, somos sensíveis à beleza das coisas e à harmonia das situações. (CEFAI, 2017a, p.195)

Desta forma, os estudantes que passam a conviver nas cidades de Redenção e Acarape utilizam esse aspecto criativo como vetor para instituir espaços de convivência, familiaridade, solidariedade, o que impacta a reconstituição de vínculos e identidades individuais e coletivas, e evidencia a instituição de lutas por direitos, particularmente ao lazer, à arte e à cultura, e de processos educacionais, em diferentes dimensões e escalas socioespaciais.

Figura 1 – Praça do Obelisco – 28 de setembro de 2019



Praça do Obelisco, Redenção/CE, 28 de setembro de 2019.



Fonte: Arquivo do Grupo Diálogos. Autoria: André Dias

A figura 1 traz uma leitura da dinâmica da Praça do Obelisco, retratada por meio de uma *sketche*, que busca captar em imagem situações do cotidiano, proporcionando uma leitura criativa e sensível dos espaços urbanos.

Os sketches são desenhos que retratam cenas e situações do cotidiano urbano. Neles, o desenhar adquire o caráter de construção processual de conhecimento, envolvendo a proximidade e, pode-se dizer, até mesmo, a cumplicidade com o que se desenha (KUSCHNIR, 2012, *apud* MACHADO *et al.* 2019, p. 152/153)

Trabalho desenvolvido pelo artista André Dias no âmbito do grupo Diálogos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares, entrelaçando projetos de extensão e pesquisa, que teve como intuito refletir as diversas formas de viver e fazer as cidades de Redenção e Acarape. Trazendo aspectos significativos das interações que ocorrem na praça, local tido como referência das ocupações criativas.

A Praça do Obelisco atua nesse sentido como ponto de confluência onde emergem as manifestações políticas, estéticas, de resistência e recriação do urbano. Esse espaço, pelo menos desde 2015, vem sendo apropriado e ressignificado pelas juventudes que compõem a UNILAB, mas também pelas que já residiam nas cidades, com a Praça passando a ser reconhecida como espaço de encontros desses jovens.

De início, esse local passou a ser utilizado pelos agentes universitários para apresentações artísticas envolvendo música, dança, declamações de poesias e performances diversas, através das quais expressavam/retratavam, por meio da arte, questões e situações que refletiam suas vivências diárias, inclusas segregações, desigualdades e discriminações. Desse modo, as atividades foram sendo inscritas no signo das ocupações criativas, que se constituíam enquanto momento de partilha e de encontro.

A principal bandeira das ocupações criativas é a transformação das relações nutridas com a cidade. De um lugar de distanciamento, desconfiança e passagem, somos transportados para um ambiente que sustenta afetividade, confiança e permanência. As ocupações criativas são capazes disso porque se baseiam no protagonismo, na colaboração comunitária e na inventividade. (BRETAS, 2015)⁷

Assim eram as atividades denominadas “Praçarais”, organizados por docentes e discentes, que acabaram se tornando frequentes, entre 2017 e 2018 (Diário de campo, 2018)⁸, tornaram-se mote para a percepção desses eventos a partir de um viés criativo, considerando os

⁷ <https://medium.com/educa%C3%A7%C3%A3o-fora-da-caixa/ocupa%C3%A7%C3%B5es-p%C3%BAblicas-8d2d8559be5b>

⁸ Diários de Campo do projeto “Estudantes, direitos e territórios urbanos no Maciço de Baturité: uma experiência de territorialização e democratização na assistência estudantil da UNILAB”, cujos registros compreendem o período de 2018 a 2019.

diversos aspectos já mencionados, o que posteriormente vem a se tornar motivo de conflitos. Utilizando-se do fazer artístico, da dimensão estética e sensorial como modo de resistência, de luta simbólica, e que é também política, pois fazem emergir questões que perpassam problemáticas instauradas na vida cotidiana. “Essas formas definem a maneira como obras ou performances ‘fazem política’, quaisquer que sejam as intenções que as regem, os tipos de inserção social dos artistas ou o modo como às formas artísticas refletem estruturas ou movimentos sociais.” (RANCIÈRE, 2005, p.18-19).

OCUPAÇÃO CRIATIVA COMO SIGNO DA RESISTÊNCIA

Cabe ressaltar como essas juventudes, a partir de demandas referentes às suas próprias necessidades, emergem enquanto agentes urbanos politicamente relevantes às cidades de Redenção e Acarape, e assim constituem, mesmo de modo não intencional, a princípio, movimentos que reivindicam o direito de viver a cidade também de forma criativa. Buscando assim, estabelecer condições que possibilitem a instituição de outros modos possíveis de experienciar o urbano, não só em termos estruturais, mas que envolvam também cultura, lazer, equipamentos e serviços. “Em outras palavras, buscam constituir o direito à cidade – mesmo que de modo intuitivo, descontinuado e disperso.” (MACHADO *et al*, 2019, p. 152)

As necessidades sociais têm um fundamento antropológico: opostas e complementares, compreendem a necessidade de segurança e a de abertura, a necessidade de certeza e a de aventura, a da organização do trabalho e a do jogo, as necessidades e previsibilidade e do imprevisto, de unidade e de diferença, de isolamento e de encontro, de trocas e de investimento, de independência (e mesmo de solidão) e de comunicação, de imediaticidade e de perspectiva a longo prazo. O ser humano tem também a necessidade de acumular energias e a necessidade de gastá-las, e mesmo de desperdiçá-las no jogo. Tem necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir essas percepções num mundo. (LEFEBVRE, 2011, p. 105/106)

Deste modo, o protagonismo das juventudes faz emergir diversos grupos, compostos por discentes de diferentes cursos, que assumem o papel de articular os “*rolês*”, atividades artísticas com diferentes formatos, movimentos de resistência e reivindicações; o que envolve a concepção, organização, mobilização e divulgação, utilizando as redes sociais (*Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*) como ferramenta de articulação. Passando assim, a serem reconhecidos pela comunidade acadêmica por essa atuação.

[...] a arte realizada no ambiente *aberto* das ruas, tecida pela lógica da efemeridade, costuma intensificar a sua presença em espaços públicos, tanto no sentido de assegurar um grau máximo de visibilidade como de acionar e intensificar um número mais amplo de *espectadores*. Nesse fluxo de mobilidade, as artes urbanas “desmaterializam-se” de sua forma *concreta* e multiplicam-se nos meios digitais. (DIÓGENES, 2015, p. 687)

Pode-se dizer que a presença desses agentes nesses espaços urbanos tangencia um “ativismo”, mesmo que de forma inconsciente, já que ativismo se configura enquanto um modo de manifestação política por meio do fazer artístico, utilizando linguagens diversas. “Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polêmicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão.” Trabalhando de forma simbólica diferentes dimensões sociais e culturais “[...] consolida-se assim como causa reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição de participação e de criação artística.” (RAPOSO, p. 5).

Figura 2 – Pré das Aniêras⁹



Fonte: Arquivo pessoal

A figura 2 trata-se do Pré-carnaval das Aniêras, atividade realizada na Praça do Obelisco e que, mesmo com os Alvarás e licenças exigidas para a realização teve intensa presença policial - alguns inclusive expondo explicitamente suas armas - com intuito de intimidar os jovens que ali estavam. Na imagem uma parte do grupo idealizador do evento mostra as permissões para a realização do mesmo, uma forma bem humorada de lidar com a situação.

⁹ Pré-carnaval realizado na Praça do Obelisco- Redenção, dia 28 de fevereiro de 2019, organizado pelo grupo de amigos denominado Anieras, composto em sua maioria por mulheres, mas também por LGBTQI+, negros, estudantes e ex-estudantes da Unilab de diferentes cursos.

Com a intensificação dos conflitos entre estudantes e moradores originários pela ocupação da Praça do Obelisco, e a repressão, as ocupações criativas em Redenção foram aos poucos partindo para outros pontos da cidade, tendo como foco áreas com grande número de estudantes residindo no entorno, como é o caso do pátio do campus da Liberdade, onde eram realizadas *calouradas* e apresentações artísticas de formatos diversos; e do Banco do Boi, espaço situado no Complexo Abolição, um local privado, mas que foi apropriado pelos jovens como ponto de encontro, visto ser um conglomerado de comércios e de moradias, em grande parte de estudantes.

Desse modo, a presença da universidade e, particularmente, a mobilização das juventudes, vem dotando de visibilidade, no cotidiano urbano, clivagens e, potencialmente, interseccionalidades identitárias complexas, envolvendo geração, nacionalidade, raça, classe, religião, gênero, etnia, rural/urbano, dentre outras. (MACHADO et al, 2019 p.148).

Essa presença/ocupação do urbano se converte em conflitos e situações problemáticas, principalmente a partir do episódio que repercutiu de forma intensa, o “Pré dxs despreocupados”¹⁰, nome escolhido como forma de afrontar, com deboche e bom-humor, as críticas que vinham sendo tecidas aos estudantes, no cotidiano urbano. O “Pré” reuniu um grande contingente de jovens, universitários e moradores originários, e logo sofreu intervenção policial, o que não foi, porém, o maior agravante da situação. Inclusive porque a ação policial, buscando intimidar, tensionar, fragilizar e até bloquear as ocupações juvenis, já estava ocorrendo constantemente, quando ocorriam atividades realizadas por esses indivíduos.

O agravante maior, em termos de um conflito urbano que adquire grande repercussão nas duas cidades, se vincula à fala, no dia posterior, efetuada por um radialista local, retratando a atividade como algo totalmente inapropriado, contestando a legitimidade das ocupações realizadas, e reforçando a ideia de marginalização daquele grupo em específico. Em contrapartida, o prefeito de Acarape à época, se posiciona a respeito do ocorrido se opondo às falas depreciativas, reforçando a importância da UNILAB e os impactos positivos que a instituição promoveu nas duas cidades.

A partir deste contexto, alguns indivíduos se organizam e constituem o grupo Juventudes Autônomas de Redenção e Acarape (JARA),¹¹ com o objetivo de trazer visibilidade para a necessidade de espaços e políticas públicas para as juventudes, tanto universitárias

¹⁰ Pré-carnaval ocorrido no complexo abolição no dia 16/01/2019

¹¹ Grupo formado em sua maioria por mulheres, mas também por LGBTQI+, negros, que anteriormente a constituição do grupo já faziam parte das diversas organizações de ocupações criativas realizadas.

quanto originárias dessas cidades. Esse grupo acaba por articular o evento denominado “Pré-Carnaval da Integração” com o tema: “É *fake news* isso daí”, que ocorreu no dia 31 de janeiro de 2019, na praça principal de Acarape com apoio da Secretaria de Cultura e de Juventude do município. Importante salientar que o grupo foi se fragmentando aos poucos e atualmente não existe mais.

Figura 3 - Pré-Carnaval da Integração: “É *fake news* isso daí”



Fonte: Arquivo pessoal

Aos poucos vão se instituindo novas ambiências e modos de socialização, com a ocupação e apropriação de espaços antes inexistentes ou impensados. A cidade é viva e está em constante processo de transformação, assim como essas juventudes em movimento; dinâmicas, resistentes, insurgentes.

CONCLUSÃO

As vivências e experiências que envolvem os usos dos espaços públicos urbanos e os modos de fazer e viver a cidade suscitam dimensões que transcendem as territoriais/espaciais, mobilizando também aspectos simbólicos e afetivos, de constituição de identidades e vínculos; possibilitando reflexões em diferentes âmbitos, e desse modo, fazendo emergir questões sociais, culturais, políticas, raciais, de gênero, entre outras. Podendo ser entendida inclusive, enquanto

espaço de lutas e reivindicações. Uma das ferramentas reivindicatórias que vem sendo bastante utilizada é a arte, sobretudo por juventudes que tem emergido de modo significativo enquanto agentes sociais atuantes, que se posicionam e reivindicam direitos em diferentes instâncias. Por meio do fazer artístico são expressos questionamentos, posicionamentos e ideologias. Com frequência, é esperado dos jovens uma certa inquietação, esse posicionamento de contestação das estruturas opressoras que estão postas e naturalizadas, a eles é conferido a expectativa da mudança, da transformação, [...] “e, no fundo, não vamos encontrar sempre os jovens na linha de frente das revoltas e das revoluções?” (LEVI, SCHIMITT, 1996, p.12).

As ocupações criativas, que se constituíram a partir da necessidade de viver e fazer a cidade (AGIER, 2015), evidenciam dinâmicas cotidianas que possibilitam analisar as diferentes problemáticas e conflitos que perpassam as juventudes e as pequenas cidades.

A permanência juvenil/estudantil nesses espaços públicos revela um aspecto significativo dos modos como esses indivíduos e coletividades vivem a cidade, reivindicam direitos e emergem enquanto agentes urbanos politicamente relevantes. Trazendo à tona outros modos possíveis de viver o urbano, ressignificando suas experiências diárias através de formas alternativas de inscrever e reescrever suas trajetórias. Fazendo assim, esses jovens insurgirem enquanto agentes políticos significativos para as cidades de Redenção e Acarape, ao lidarem com as situações problemáticas experienciadas, e pautarem outras demandas e agendas urbanas.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer a cidade**. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, v. 21, n. 3, p. 483-498. 2015.

BRAGA, Roberto; CARVALHO, Pompeu Figueiredo de. **Cidade: Espaço da cidadania**

BRETAS, Alex. **Ocupações criativas**. 2015. Disponível em:

<https://medium.com/educa%C3%A7%C3%A3o-fora-da-caixa/ocupa%C3%A7%C3%B5es-p%C3%BAblicas-8d2d8559be5b>. Acesso em: 15/ 01/2022

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Identidades juvenis e escola**, In Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. V.3. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005; p.153-164.

CAVALCANTI, Joana. **A criatividade no processo de humanização**. Revista Saber (e) Educar, nº 11, 2006.

CEFAÏ, Daniel. **O que nos ensina o pragmatismo** (Parte 1) in: Públicos, Problemas Públicos, Arenas Públicas... Novos Estud. CEBRAP. SÃO PAULO, V36. 01, 187-213. MARÇO 2017.

CEFAÏ, D. Públicos, problemas públicos, arenas públicas: o que nos ensina o pragmatismo (Parte 2). Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 129-124, 2017b.

D'AGOSTINI A.; JUNIOR, G. N.; MARCASSA, I. p. **Juventude e periferias urbanas:** perfil, cultura e outros aspectos da vida social e afetiva. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 19, n. 41, p. 137-153, maio./ago. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v19i41.3785>

DIÓGENES, Glória. **Artes e intervenções urbanas entre esferas materiais e digitais:** tensões legal-ilegal. Análise Social, 217, 1 (4.º), 2015

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2011.

LEVI, Giovanni, SCHIMITT, Jean Claude. (Org). **História dos jovens:** da antiguidade a era moderna. São Paulo: Companhia das letras, 1996, vol.1.

MACHADO, Eduardo Gomes; NOGUEIRA, J. S.; OLIVEIRA, N. A.; SILVA, S. M. F. **Cidades, juventudes e conflitos urbanos:** questões teórico-empíricas a partir de Redenção e Acarape. Estudos de Sociologia, Recife, 2019, Vol. 1. n. 25

MACHADO, Eduardo Gomes; LIMA, J. L. O.; OLIVEIRA, N. A.; SILVA, R. B. **Cartografar pequenas cidades no Nordeste brasileiro:** caminhos percorridos. Píxo - Revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, 2019, Vol.3. n.11

PAIS, J. M. **A construção sociológica da juventude.** Análise Social, n. 105/106, p. 139- 165, 1990.

RAFFESTIN C. **Territorializzazione, deterritorializzazione, riterritorializzazione e informazione,** In: TURCO A. Regione e regionalizzazione, Milano, Franco Angeli, 1984, p.69-82.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível:** estética e política; tradução de Monica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org. Ed. 34, 2005.

RAPOSO, Paulo. **“Artivismo”:** Articulando dissidências, criando insurgências. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 4, nº 2, pag. 3-12, 201

SANTOS, Emily Stephanie Moraes dos; OLIVEIRA, Carolina Bessa Ferreira de. **Arte-educação, juventudes e emancipação:** reflexões a partir de um estudo exploratório em Porto Seguro – BA. Cadernos do Aplicação. Porto Alegre, jan-jun. 2021, v.34, n.1